

DOENÇAS NOS DISCURSOS SOBRE ECONOMIA: um estudo baseado em frames e metáforas

Ilana Souto Medeiros

(UFRN)

<http://orcid.org/0000-0002-8786-2265>

Paulo Henrique Duque

(UFRN)

<https://orcid.org/0000-0002-7100-0556>

RESUMO

Pretendemos descrever, neste artigo, alguns mecanismos discursivos empregados no enquadramento (*framing*) da situação econômica desfavorável. Para isso, evidenciamos, a partir de excertos de textos, que a escolha lexical de termos como “crise”, “archo” e “recessão”, assim como mapeamentos metafóricos, restringem a forma de conceber a situação econômica. No que diz respeito às bases teóricas que subsidiam este trabalho, centramos nossas discussões em torno das noções de *frame* (DUQUE, 2015, 2017); de metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]); e de metáfora situada e nicho metafórico (VEREZA, 2007, 2010, 2013, 2016). Quanto aos aspectos metodológicos, adotamos, como ferramenta analítica, o modelo de análise de *frame* (DUQUE, 2015). Utilizamos, como corpus, notícias, reportagens e entrevistas sobre economia em suas versões *online*. Buscamos demonstrar, ao final, que mecanismos como *frames* e metáforas apresentam, para além da natureza cognitiva, um teor potencialmente discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de sentidos e visões de mundo; Frame; Metáfora.

DISEASES IN DISCOURSES ON ECONOMY: a study based on frames and metaphors

ABSTRACT:

We intend to describe, in this paper, some discursive mechanisms used in framing the unfavorable economic situation. For this, we show, from excerpts of texts, that the lexical choice of terms as “crisis”, “arrocho” and “recession”, as well as metaphoric mappings, restricts the way one conceives the economic situation. Concerning the theoretical basis that subsidises this article, we focus discussions around the notions of frame (DUQUE, 2015, 2017); situated metaphor and metaphoric niche (VEREZA, 2007, 2010, 2013, 2016). Regarding the methodological aspects, we adopted, as analytical tool, the analysis model of frames (DUQUE, 2015), and we used as corpus news, reports and interviews about economy in their online versions. We intend to demonstrate, finally, that mechanisms as frames and metaphors present, beyond its cognitive nature, a potentially discursive character.

KEYWORDS: Senses and visions of the world construction; Frame; Metaphor.

Introdução

Neste artigo, descrevemos alguns mecanismos discursivos empregados no enquadramento (*framing*) de situação econômica desfavorável. Com isso, pretendemos demonstrar que a escolha lexical dos termos “crise”, “arrocho” e “recessão” e mapeamentos metafóricos restringem a forma como concebemos a situação econômica.

A fim de empreendermos nossa análise, adotamos como ferramenta analítica um modelo de análise de frames que permite identificar, por meio de indexadores linguísticos, as variadas dimensões de frames que são acionadas no discurso. Além disso, utilizamos, como *corpus*, notícias, reportagens e entrevistas sobre economia, retiradas de revistas e jornais em suas versões online.

Apresentamos a noção de *frame* adotada neste artigo e centramos nosso foco nas duas dimensões do *frame*, a linguística e a interacional – obtidas por Duque (2017) a partir dos estudos levantados. O autor concebe o *frame* linguístico como uma estrutura conceptual (que equivale a um circuito neural) evocado e reforçado por itens linguísticos. Tal estrutura é constituída de outros *frames* que se interconectam por meio de mecanismos de evocação, subcategorização e unificação. Essas interconexões são orientadas por esquemas diretamente formados das invariâncias perceptuais detectadas do ambiente. Itens (ou expressões) lexicais distintos podem ativar constituências diferentes, favorecendo diferentes enquadramentos de um mesmo *frame*. Nesse sentido, o emprego de termos como “crise”, “arrocho” e “recessão”, para caracterizar o domínio da economia, pode surtir efeitos específicos no comportamento das pessoas.

Quanto à dimensão interacional do *frame*, há dois níveis cognitivos em jogo: o nível cognitivo off-line, em que a interação é acionada linguisticamente como categoria discursiva armazenada na memória (PE-DIDO_DE INFORMAÇÃO¹, CUMPRIMENTO, JULGAMENTO etc.); e o nível cognitivo on-line, em que a interação é um “jogo de linguagem” (WITTGENSTEIN, 1953; STEELS, 2001; DUQUE, 2018) em execução. Com base nos estudos de Vereza (2007, 2010, 2013 e 2016), sobre metáforas situadas (do nível cognitivo online) e metáforas conceptuais (do nível cognitivo offline), em associação com a noção de *frames* aqui adotada, buscamos desenvolver análises que contemplem o lugar e o papel dos *frames* (fonte e alvo) nas investigações sobre discurso e cognição.

1. *Frame*

A visão sobre *frame* utilizada neste trabalho, que é proposta por Duque (2015), define *frames* como estruturas cognitivas ativadas linguisticamente no discurso. Além da constituição, isto é, o fato de *frames* serem modelados a partir de armações esquemáticas simples, o autor menciona outros três mecanismos de ligação dos nós de um *frame*: subcategorização (responsável pela hierarquização de *frames*), evocação (responsável pela ativação de *frames*), e unificação (responsável pelo preenchimento de slots com informações perceptuais – captadas durante

1 Conforme notação utilizada por Duque (2015), aqui adotada, categorias discursivas, conceitos/*frames* e metáforas conceptuais e primárias são grafados em caixa alta e fonte 9.

a interação – ou linguísticas – evocadas da memória). Com base nessa caracterização, Duque (2015, 2017) propõe a tipologização de *frames* a partir de duas categorias principais: *frame* linguístico e *frame* interacional.

Frame linguístico é uma estrutura cognitiva linguisticamente indexada. De acordo com Duque (2017), um *frame* linguístico pode ser analisado sob cinco dimensões:

a) dimensão esquemática: estruturação mais básica de conhecimento, armada a partir de invariâncias capturadas da interação do organismo com o ambiente e armazenadas como circuitos neurais. Desses padrões mais experienciais, padrões menos experienciais são formados por meio de projeções metafóricas a que Grady (1997) chama de metáforas primárias ou primitivas. Algumas das relações recorrentes expressas por essas metáforas podem ser exemplificadas: intimidade está relacionado à proximidade (por exemplo, “eu sou muito próximo ao meu pai”) e analisar está associado a dividir (por exemplo, “vamos dividir em partes o problema, a fim de solucioná-lo”). No quadro 1, apresentamos exemplos de mapeamentos entre *frames* na constituição de metáforas primárias.

Quadro 1: Projeção entre os domínios na constituição de metáforas primárias.

FRAME (fonte)	FRAME (alvo)	METÁFORA PRIMÁRIA
QUANTIDADE	ELEVAÇÃO VERTICAL	VERTICALIDADE É QUANTIDADE
PROXIMIDADE FÍSICA	AFETIVIDADE	AFETIVIDADE É PROXIMIDADE
TAMANHO	IMPORTÂNCIA	IMPORTÂNCIA É TAMANHO
FORÇA	CAUSA	CAUSA É FORÇA
MOVIMENTO	MUDANÇA	MUDANÇA É MOVIMENTO
FOME	DESEJO	FOME É DESEJO
CONTÊINER	ESTADO	ESTADO É CONTÊINER

FONTE: os autores (2018).

Do ponto de vista da constituição, metáforas primárias combinadas entre si se tornam metáforas complexas. A metáfora complexa **CRISE_ECONÔMICA É ORGANISMO_DOENTE**, por exemplo, é a combinação das metáforas conceptuais **ECONOMIA É ORGANISMO** e **CRISE É DOENÇA**.

A dimensão esquemática do *frame* também está relacionada aos esquemas imagéticos (esquemas-I), compreendidos como frames extremamente básicos, os quais, segundo Evans e Green, “[...] não são conceitos ricos ou detalhados, mas conceitos abstratos que consistem em padrões emergentes de repetidas instâncias da experiência corporificada” (EVANS; GREEN, 2006, p. 179). No campo da Linguística Cognitiva, os esquemas mais discutidos são **CONTÊINER**, **PARTE-TODO**, **CENTRO-PERIFERIA**, **TRAJETÓRIA** e **TRAJETOR-MARCO**. A experiência corporal que sustenta cada um deles está sintetizada no quadro 2:

Quadro 2: Esquemas-I e suas respectivas experiências corpóreas.

ESQUEMA-I	EXPERIÊNCIA CORPORAL BÁSICA
CONTÊINER	Experienciamos nossos corpos de duas maneiras diferentes: 1, como recipientes limitados pela pele, com portais (boca, nariz, ouvido etc.) e 2, como entidades que ocupam espaços limitados, como restaurantes, por exemplo.
PARTE-TODO	Somos seres inteiros cujas partes podem ser identificadas. Assim, experienciamos nossos corpos como TODOS com PARTES . Nosso nível básico de percepção distingue a estrutura fundamental parte-todo de que necessitamos para interagir no/com o espaço
CENTRO-PERIFERIA	Experienciamos nossos corpos como tendo centro (o tronco e órgãos internos) e periferias (dedos, pele, unhas). O espaço também é concebido em termos de CENTRO-PERIFERIA .

TRAJETÓRIA	Cada movimento pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada, uma sequência contínua de espaços que conectam os pontos em uma direção.
TRAJETOR-MARCO	Experientiamos nossos corpos em movimento no espaço. Vemos entidades se moverem de um ponto a outro no espaço.

FONTE: Adaptado de Duque (2015, p. 34-35).

b) dimensão do evento: conceitos de ações específicas, como ATO_DE_EMPURRAR, ATO_DE_CORTAR, ATO_DE_CORRER etc., eventos, estados e mudanças de estados. Um evento:

I- pode ser de deslocamento físico ou de manipulação de objeto físico. Cumpre esclarecer que, a partir desses dois tipos básicos de eventos, outros tipos de eventos se estruturam, como TRANSFERÊNCIA_DE_POSSE e COMUNICAÇÃO, por exemplo;

II- é estruturado a partir de um esquema de ação (esquema-X) (FELDMAN, 2006), como EMPURRAR, CORTAR, CORRER etc. Tal esquema fornece os *slots* de configuração do evento, por exemplo, o esquema-X CORTAR pressupõe que o evento tenha um CORTADOR, um OBJETO_CORTADO e um INSTRUMENTO_DE_CORTAR;

III- guia a formação de categorias, como PEDRA, PLANTA, GATO, JOÃO, FECHADURA, a partir da identificação de propriedades invariantes de objetos, plantas, animais e pessoas, como TER_CABELOS_GRISALHOS, PROVOCAR_RUÍDO, SER_DURO, SER_DOCE etc., envolvidos nos eventos;

IV- fornece informações para a emulação de frames por meio de mapeamentos metafóricos. Por exemplo, em construções que evocam estados, como “[...] ainda há muitas pessoas que não possuem qualquer nível de alfabetização e que por este motivo ficam à margem da sociedade, vivendo fora da zona onde aparecem as melhores oportunidades, tanto profissionais, quanto pessoais” (<https://www.iped.com.br/materias/>

educacao-e-pedagogia/importancia-alfabetizacao-brasileiros.html/, acesso em: 09 jul. 2019; grifos nossos), SOCIEDADE é algo que tem margem, tem o lado de fora e, por default, o lado de dentro. Logo, SOCIEDADE É UM CONTÊINER;

V- guia o mecanismo de unificação entre conceitos e slots do esquema-X. Esses conceitos podem ter sido ativados anteriormente pelo discurso ou serem ativados no momento da interação por meio de informações perceptuais. Em “Fernanda Souza muda o visual e corta os cabelos na altura dos ombros” (<https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2018/03/26/fernanda-souza-muda-o-visual-e-corta-os-cabelos-na-altura-dos-ombros.htm>, acesso em: 09 jul. 2019), CABELOS é unificado com OBJETO_CORTADO, DEFAULT [CABELEIREIRO] é unificado como CORTADOR, e DEFAULT [TESOURA] é unificado como INSTRUMENTO_DE_CORTAR;

VI- evoca ajustes temporais e espaciais por meio de construtores de espaços mentais² (FAUCONNIER, 1994), isto é, itens linguísticos que configuram um espaço mental na mente do leitor/ouvinte, diferente do espaço mental do mundo real. Por exemplo, em “ontem, comprei um livro”, a compra do livro ocorreu em um tempo anterior ao corrente. Logo, diz respeito a um evento passado.

c) dimensão do roteiro: sequências de eventos rotinizadas, como CASAMENTO, ENTERRO, VIAGEM, COMPRA, FESTA_DE_ANIVERSÁRIO etc. O roteiro VIAGEM, por exemplo, envolve uma série de eventos, desde a COMPRA_DA_PASSAGEM, RESERVA_DO_HOTEL, EMBARQUE, DESEMBARQUE etc. Cumpre esclarecer que um evento pode ser tomado como um roteiro dependendo da granularidade com que é analisado. Por exemplo, ATO_DE_CORTAR pode ser perspectivado como um roteiro contendo as fases de manipulação de uma tesoura, por exemplo;

d) dimensão cultural: a variação entre culturas resulta da forma como o *frame* é preenchido ou combinado. Quanto à variação de preenchimento, um determinado *frame* esquematizado de forma genérica pode

2 “Space builders”.

ser preenchido diferentemente por cada cultura que o possui, por exemplo, enquanto no Brasil, ANIMAL_DE_ESTIMAÇÃO é preenchido por CACHORRO ou GATO, nos Estados Unidos, tende-se a escolher PEIXE DE AQUÁRIO, no Japão, COELHO, na China, GRILO, na França e no Reino Unido, COBRA, e, no Peru, por ALPACA.

Quanto à variação de combinação de *frames*, a constituição pode variar de cultura para cultura. Por exemplo, na Grécia, dentre os eventos do roteiro CASAMENTO, há a QUEBRA_DE_PRATOS que, de acordo com alguns, serve para afastar maus espíritos e, para outros, para demonstrar desapego. No caso do *frame* que serve de fonte para uma projeção metafórica, essas diferenças de constituição podem influenciar a conceptualização de um domínio alvo particular.

A existência de expressões idiomáticas metafóricas diferentes em cada cultura parece estar diretamente associada à questão da constituição do *frame* no qual outro *frame* é emulado. Por exemplo, a diferença entre “chutar o balde”, no Brasil, e “*kick the bucket*”, nos EUA. De acordo com o *Phrase Finder Website* (<https://www.phrases.org.uk/meanings/kick-the-bucket.html>, acesso em: 09 jul. 2019), tal expressão, em inglês, se originou nos matadouros de porcos da Idade Média.

Nestes locais havia uma viga (*a bucket*) na qual os porcos permaneciam amarrados de cabeça para baixo para serem abatidos. Uma pessoa puxava a corda e batia o pé do porco na viga (*the bucket*) para avisar que o porco estava morto, dizendo que o porco “*kicked the bucket*” (*chutava a viga*), ou seja, estava pronto para ser destrinchado. Por sua vez, o mapeamento metafórico entre dois *frames* pode, em si, constituir um esquema genérico a ser preenchido diferentemente por cada cultura que a possui (KÖVCSSES, 2007) e receber um conteúdo cultural único de nível específico. Por exemplo, a metáfora primária PESSOA ZANGADA É UM RECIPIENTE COM PRESSÃO (KÖVCSSES, 2005), que existe em outras línguas (em chinês, japonês, húngaro, polonês dentre outras), é uma metáfora genérica. Ela não revela, por exemplo, o tipo de recipiente utilizado, como se dá o aumento da pressão, a substância do conteúdo, a temperatura dessa substância etc., sendo assim, estamos falando de um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que dele dispõe. Desse modo, segundo Schröder (2008, p. 49),

[...] na metáfora primária PESSOA ZANGADA É UM RECIPIENTE COM PRESSÃO, em japonês, a raiva está na hara (*estômago*). Em chinês, ela especifica-se de forma que a substância do CONTÊINER

é imaginada como *qui*, isto é, energia que voa pelo corpo. Com isso, a substância não é um líquido como em outras línguas, mas sim, um gás, um conceito que é entrincheirado na história, filosofia e medicina chinesas. Em zulu, encontram-se as metáforas RAIVA/DESEJO É FOME, RAIVA É NO CORAÇÃO e RAIVA É UMA FORÇA NATURAL (grifos do autor).

frames interacionais são estruturas cognitivas que emergem da rotinação de algumas formas de interação social. Cumpre distinguir *frame* interacional, estrutura *off-line* indexada linguisticamente, como CUMPRIMENTO, NOTÍCIA, PEDIDO DE INFORMAÇÃO, EXPLICAÇÃO etc., de “Jogo de linguagem” (WITTGENSTEIN, 1953; STEELS, 2001; DUQUE, 2018), a execução de tarefas por, pelo menos, dois agentes visando a atingir um objetivo por eles compartilhado.

Jogos de linguagem são distribuídos por Steels (2001) da seguinte forma: (a) Jogo de imitação (imitação de sons, ruídos, posturas e movimentos físicos); (b) Jogo de discriminação (identificação de uma ou mais propriedades que distinguem coisas umas das outras); (c) Jogo de nomeação (atribuição de rótulos a perceptos); (d) Jogo de categorização (empilhamento de objetos em função de semelhanças de cores, formatos, tamanhos etc.); (e) Jogo de postura (adoção de uma postura corporal determinada); (f) Jogo de movimento (deslocamento ou manipulação de objetos); e (g) Jogo de relato (relato de experiências).

Normalmente o agente evoca *frames* (interacionais e linguísticos) enquanto se movimenta pelo ambiente e captura informações perceptuais relevantes para o compartilhamento de intenções com outro agente. Sendo assim, *frames* adquirem status específico só enquanto estão sendo usados em um jogo de linguagem. Fora de um jogo de linguagem, o *frame* permanece armazenado na memória. Esses tipos de *frames* parecem corresponder ao que Vereza (2013) chama, respectivamente, de *frame on-line* e *frame off-line*.

De acordo com Vereza (2016, p. 568), no nível *off-line* de cognição, “estariam as representações mentais mais estáveis”, como MCIs, protótipos, esquemas imagéticos, metáforas conceituais e *frames off-line*. De acordo com a autora, tais representações se caracterizam como sendo socialmente compartilhadas e essencialmente inconscientes. Ainda, segundo Vereza (2016, p. 568), nesse nível, teríamos o Discurso, “inscrição das representações estáveis na linguagem, enquanto sistema”. O nível *on-line* da cognição, por sua vez, segundo a autora, diz respeito ao “evento discursivo em si, ou seja, à cognição e à linguagem em uso”.

Nesse nível, teríamos o discurso como o próprio evento discursivo, “em pleno acontecimento”. É desse nível que as instâncias do nível *off-line*, estável, seriam evocadas e articuladas àquelas presentes na cognição online (VEREZA, 2016).

2. Os *frames* CRISE, RECESSÃO e ARROCHO

Vimos que *frames* são evocados por itens e expressões linguísticas. Nesse sentido, a seleção lexical desempenha um papel crucial em termos dos efeitos de enquadramento (*framing*) no/pelo discurso. O ato de nomear atribui caráter e estrutura à coisa nomeada. Nos textos analisados, a situação econômica desfavorável é caracterizada com termos como “crise”, “arrocho” e/ou “recessão”. Cumpre esclarecer que cada um desses itens lexicais fornece uma perspectiva de enquadramento para a situação econômica, uma vez que ocorrem em eventos bem específicos.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), segundo concepções mais antigas, o termo “crise” diz respeito ao “7º, 14º, 21º ou 28º” dia que, na evolução de uma doença, constituía o momento decisivo, para a cura ou para a morte”. No domínio da medicina, está relacionado ao “momento que define a evolução de uma doença para a cura ou para a morte”. O uso desse termo parece ter sido estendido para outros domínios: “crise do petróleo”, “crise imobiliária”, “crise energética”, “crise ambiental”, “crise cambial”, “crise dos alimentos” etc. Nesses domínios, o termo caracteriza uma situação instável, angustiante e potencialmente perigosa que pode ter consequências muito negativas. Independentemente do contexto, a palavra “crise” está atrelada principalmente à incerteza quanto ao futuro. O termo é comum em eventos que podem ter um desfecho infeliz, como em (01) e (02):

(01) Uma nova crise alérgica de garganta fez com que o apresentador e empresário Silvio Santos cancelasse as gravações de seu programa no SBT que estavam marcadas para acontecer nesta quinta (25) e sexta-feira (26) na sede da Anhanguera [...] (<https://famososnaweb.com/crise-de-garganta-faz-silvio-santos-cancelar-gravacoes-de-seu-programa-no-sbt>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

(02) Você programou uma viagem à Cidade do Cabo e foi pego de surpresa pela crise de abastecimento que pode torná-la a primeira megametrópole do mundo a ficar sem água? (<https://oglobo.globo.com/boa->

[-viagem/vai-cidade-do-cabo-tire-suas-duvidas-sobre-cri-se-de-abastecimento-dagua-22422525](#), acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

Em (01) e (02), o item “crise” evoca um evento de deslocamento cujo estado inicial é marcado pelo bem estar e o estado final pela imprevisibilidade. Em (01), por exemplo, a “crise alérgica” evoca um deslocamento metafórico referente a uma relação de causa e efeito, na qual a alergia do apresentador fez com que ele cancelasse as gravações de seu programa.

Quando usado para rotular uma situação econômica, o termo a enquadra como um evento que pode ter consequências muito graves. Esse enquadramento normalmente é reforçado pelas metáforas *CRISE_ECONÔMICA É ORGANISMO_DOENTE* e *CRISE_ECONÔMICA É DE-SASTRE_NATURAL*, como expresso em (03) e (04):

(03) “[...] a profunda crise fiscal, a continuidade da estagnação econômica e as altas taxas de desemprego a que chegamos – frutos dos desatinos dos governos petistas – desenham um quadro de enfermidade de que requer UTI [...]” (<https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2016/12/23/governo-tirara-economia-da-uti-tudo-dependera-da-politica-escreveu-fhc/?cmpid=tw-uol>, acesso em: 16 out. 2019) (grifos nossos).

(04) “[...] a crise chegou e, dessa vez, parece que não quer ir embora [...] A tempestade econômica que desabou sobre Erechim causou estragos Brasil afora [...]” (<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2016/10/erechim-e-santa-rosa-dois-retratos-da-mesma-cri-se-8047622.html>, acesso em: 16 out. 2019) (grifos nossos).

Quanto à dimensão esquemática do frame *CRISE*, verificamos que o conceito toma por base o esquema-I CONTÊINER. É o conteúdo de um recipiente, conforme atestam os exemplos (05), (06) e (07).

(05) retração econômica, austeridade fiscal, desemprego crescente, taxas de câmbio atingindo níveis sem precedentes e escândalos multimilionários de corrupção indicam que os brasileiros foram imersos em uma profunda crise (<https://www.fblaw.com.br/boletim-no-06-a-tempestade-economica-brasileira>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifo nosso).

(06) Para economista, tirar Brasil da crise econômica é mais simples do que parece (<https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2016/03/1753657-para-economista-tirar-brasil-da-cri-se-economica-e-mais-simples-do-que-parece.shtml>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifo nosso).

(07) Pela rapidez com que a crise se aprofunda, tudo indica um des-

fecho rápido, complicado, com desdobramentos imprevisíveis (<https://www.ocafezinho.com/2016/11/24/depois-da-tempestade-enchente/>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifo nosso).

Em (05), a crise é a substância dentro da qual os brasileiros estão imersos; em (06), crise é o recipiente dentro do qual o Brasil se encontra; e, em (07), o país, por meio da crise, é o elemento que se desloca (rapidamente) para o fundo do recipiente. Nessa acepção, o termo co-ocorre com expressões como “depressão”, “fosso” e/ou “buraco”, como em (08).

(08) Em um ponto qualquer do futuro, vai cair a ficha sobre a necessidade de um aumento substancial do gasto público como única maneira de reativar a economia. A questão é saber a profundidade do buraco que está sendo cavado. No limite, se terá um país conflagrado [...] (<https://www.ocafezinho.com/2016/11/24/depois-da-tempestade-enchente/>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifo nosso).

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), o termo “arrocho” nomeia o “pedaço de madeira, torto e curto, usado para torcer e apertar as cordas que fixam fardos” que, por extensão, passou a designar “qualquer coisa que sirva para atar ou apertar”. No domínio da economia, o termo não diz respeito à situação econômica em si, mas a uma estratégia de se reverter a situação econômica desfavorável. Está sempre associado a um evento de manipulação de objeto, cujo manipulador é o governo e o manipulado são direitos e garantias sociais, como por exemplo X CORTA Y, X AUMENTA Y, X DIMINUI Y etc. Medidas dessa natureza visam a impactar diretamente na economia do indivíduo, pois envolvem, dentre outras ações, o aumento de impostos e o congelamento de salários, conforme atestam os exemplos (08) e (09):

(08) Pacote de arrocho de Temer inclui aumento da carga tributária, congelamento de salários e majoração da parcela paga por servidores públicos à Previdência (<https://ptnosenado.org.br/pacote-de-arrocho/>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

(09) Em recente solenidade em Brasília, depois de reconhecer que o Brasil vive um momento temporário de arrocho, o presidente Michel Temer voltou a defender a necessidade do ajuste fiscal. Para ele, a proposta de emenda à Constituição (PEC) que limita os gastos públicos pode ser amarga, mas é necessária, significando cortar na própria carne, visando o Brasil de amanhã (<http://diariodocomercio.com.br/sitenovo/>, acesso em: 23 abr. 2018) (grifos nossos).

O “arrocho” pode estar associado a termos relacionados a equilíbrio e a pares antonímicos, como “receitas/gastos”, conforme atestam os exemplos (10) e (11):

(10) Mesmo com a apresentação de um duro pacote de medidas para tentar buscar o equilíbrio fiscal, o secretário estadual de Fazenda do Rio de Janeiro, Gustavo Barbosa, admite que a gestão das finanças do Estado ainda será feita “na boca do caixa” ao longo de 2017 (<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,apesar-de-arrocho-fiscal-governo-do-rio-so-ve-melhora-nas-contas-a-partir-de-2018,10000086998>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifo nosso).

(11) A Prefeitura de Ladário estaria perdendo receita e, com isso, o prefeito da cidade baixou um decreto cortando gastos. O arrocho reduziu horas extras, prêmios e acúmulos dos salários dos funcionários (<https://diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=97361/>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

Quanto à dimensão esquemática do frame ARROCHO, verificamos que o conceito toma por base o esquema das dinâmicas de força (TALMY, 1988), no caso, o esquema-I de FORÇA_CONTRÁRIA, força que provoca a tensão do objeto contra o qual é aplicada. Em eventos de arrocho, a força comprime o objeto tornando-o dimensionalmente menor, ou seja, o objeto é afetado. No caso da economia, forças são decisões administrativas que provocam a redução de gastos públicos e do poder de compra dos indivíduos, conforme atestam os exemplos (10) e (11).

O termo “recessão”, por sua vez, pertence ao vocabulário técnico da economia e, normalmente, se refere a uma situação em que há um crescimento econômico negativo ao longo de muitos anos. É um evento de deslocamento, em que X SE DESLOCA DE Y PARA Z ou X PROVOCA Y SE DESLOCAR PARA Z, como se observa no trecho “[...] a avalanche da recessão não escolhe suas vítimas [...] O perrengue econômico não atinge apenas empresas e trabalhadores privados. Os serviços públicos também estão falidos. O fechamento de órgãos e instituições, extinções de projetos e programas sociais, entre outros benefícios cortados são provas desta infeliz realidade [...]”³ (grifos nossos), em que a recessão pode ser compreendida como o elemento que desloca os serviços públicos para um estado de faliência, os órgãos e instituições para um estado em que

3 Disponível em: http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=89413 Acesso em: 16 out. 2019.

se encontram fechados e os projetos e programas sociais para um estado de extinção. Entretanto, o termo vem sendo utilizado para caracterizar a situação econômica, como expresso pelo item “entrou”, em (12):

(12) No título, o autor esclarece por que as expectativas eram altas no início do primeiro mandato de Dilma Rousseff e como, de lá para cá, o país entrou na recessão mais profunda em mais de um século (<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2016/03/1753657-para-economista-tirar-brasil-da-crise-economica-e-mais-simples-do-que-parece.shtml/>, acesso em: 21 abr. 2018) (grifos nossos).

Quanto à dimensão esquemática do *frame* RECESSÃO, verificamos que o conceito toma por base a ligação entre os esquema-I TRAJETÓRIA e CONTÊINER. Nesse sentido, a recessão é um recipiente para dentro do qual o país se desloca e lá permanece por um longo período de tempo. Como atestam os exemplos (12) e (13), o termo “recessão” co-ocorre com os verbos de deslocamento físico (provocado ou auto-propulsionado):

(13) O presidente do Partido Socialista suíço, Christian Levrat, é quem lidera o grupo que se opõe à medida. “Reduzir a renda do trabalhador vai nos jogar em uma recessão severa”, alertou (<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,inundada-de-dinheiro-suica-vai-entrar-em-recessao-imp-,1631303.amp>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

A palavra “recessão” é acompanhada por termos que retratam o ritmo de deslocamento da economia, como “recuo”, “(des) aceleração”, “motor”, “impulso” etc., podendo levar a uma crise, como em (14):

(14) A atividade econômica do Brasil recuou 4,5% em 2016, segundo índice do BC, que é um retrado do que aconteceu no ano passado, com os principais motores da economia engasgando, e o desemprego acelerando (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1859515-indicadores-mostram-desaceleracao-da-economia-brasileira-veja-infograficos.shtml>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

Os exemplos apresentados demonstram que visões distintas podem ser construídas pelo rótulo atribuído à situação econômica. Além da seleção lexical, a metáfora é outro recurso de enquadramento utilizado para evocar *frames*.

3. Metáforas

A Teoria da Metáfora Conceptual foi desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980) com base nos estudos de Reddy (1979). De acordo com o linguista e o filósofo,

[...] o lócus da metáfora é o pensamento, não a linguagem, que a metáfora é uma grande e indispensável parte do nosso modo convencional de conceptualizar o mundo, e que nosso comportamento diário reflete nossa compreensão metafórica da experiência⁴ (LAKOFF, 1992, p. 2 [tradução nossa]).

Partindo dessa noção, Lakoff e Johnson (1980 [2002]) concebem metáfora como um mecanismo cognitivo inerente ao sistema conceptual. Em linhas gerais, a teoria propõe que as metáforas são decorrentes de um mapeamento (correspondências conceptuais) entre um domínio fonte, de natureza mais experiencial, e um domínio alvo, de base menos experiencial. Um clássico exemplo dado pelos autores é o da metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, identificada a partir de enunciados linguísticos como, por exemplo, “nosso relacionamento chegou a um beco sem saída⁵”.

Segundo Vereza (2016, p. 568), em uma análise acerca da linguagem metafórica, porém,

[...] não é adequado fazer afirmações sobre uma metáfora situada como se esta fosse conceptual, ou vice-versa, pelo fato de ambas estarem inseridas em níveis de cognição distintos, mesmo que relacionados: um episódico e outro estável, respectivamente.

De acordo com a autora, as possíveis articulações que “entrelaçam” a metáfora conceptual e a metáfora situada podem ser identificadas e analisadas. É bastante comum nos depararmos com um conjunto de enunciados construídos e articulados a partir de mapeamentos textuais *online*, em que metáforas situadas são licenciadas por metáforas conceptuais subjacentes.

A análise aqui proposta enfoca o funcionamento cognitivo-discursivo de metáforas situadas em um “nicho metafórico” (VEREZA, 2007), que, segundo a autora, é

4 “Reddy showed, for a single very significant case, that the locus of metaphor is thought, not language, that metaphor is a major and indispensable part of our ordinary conventional way of conceptualizing the world, and that our everyday behavior reflects our metaphorical understanding of experience”.

5 Exemplo extraído de Lakoff (1992, p. 4) – “Our relationship has hit a dead-end street” [tradução nossa].

[...] um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio contexto (VEREZA, 2007, p. 496).

A partir da detecção de um nicho metafórico relacionado à situação econômica, mais especificamente, pretendemos mostrar como a relação entre instâncias mais locais e episódicas da cognição, como metáforas situadas e *frames online*, articulam-se a outras mais estáveis, como as metáforas conceptuais e *frames offline*.

4. Metáforas da situação econômica

Nesta seção apresentamos o modo como as projeções metafóricas entre os *frames* ECONOMIA e SAÚDE são construídas e, a partir delas, ocorre a restrição do *frame* alvo (ECONOMIA). Em (15), (16) e (17), apresentamos alguns trechos sobre economia.

(15) A economia está contaminada pelo vírus da elevadíssima taxa de juros, com o baixo crescimento, os déficits governamentais [...] (<http://blogdofirmojunior.blogspot.com/2015/03/situacao-do-brasil-incerta-com.html>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

(16) A profunda crise fiscal, a continuidade da estagnação econômica e as altas taxas de desemprego a que chegamos – frutos dos desatinos dos governos petistas – desenham um quadro de enfermidade que requer UTI [...] (<https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2016/12/23/governo-tirara-economia-da-uti-tudo-dependera-da-politica-escreveu-fhc/?cmpid=tw-uol>, acesso em: 16 out. 2019) (grifos nossos).

(17) A economia brasileira está anêmica, não há disposição para investimentos no mesmo ritmo que no passado. Esse apetite para o investimento deve ter caído no mínimo 30%’, disse. Para ele, isso se deve à fraca disposição do empresariado brasileiro para investir em meio à crise [...].” (<http://blogdopco.com.br/receita-para-curar-anemia-economica-do-pais-colocar-empresario-presos-para-trabalhar-mais-e-lucrar-mais/>, acesso em: 16 out. 2019) (grifos nossos).

Em (15), verificamos que a expressão “contaminada pelo vírus da elevadíssima taxa de juros” faz com que a economia seja compreendida como um organismo acometido por uma contaminação viral, metaforicamente expressa por “elevadíssima taxa de juros”. A consequência dessa contaminação, conforme os itens, pode ser vista como uma doença, a qual é representada pelo “baixo crescimento” e pelos “déficits governamentais”.

Algo semelhante ocorre em (16). A expressão “que requer UTI” também evidencia que, da mesma forma que um organismo, a economia está doente. O item “UTI”, sobretudo, refina os sentidos construídos, uma vez que especifica a doença como sendo grave. Isso se deve ao fato de acessarmos o *frame* UTI (UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA), estrutura hospitalar na qual permanecem os pacientes com os mais graves problemas de saúde.

Em (17), os itens linguísticos destacados também levam o leitor a perceber que a economia é um organismo doente graças a itens como “anêmica” e “apetite caído”. Um dos sintomas dessa anemia, ainda de acordo com os itens, parece ser a “fraca disposição do empresariado brasileiro para investir”.

Por meio dos itens linguísticos disponíveis em (15), (16) e (17), é possível perceber que ECONOMIA corresponde a ORGANISMO, o que ocorre devido ao maepamento entre SITUAÇÃO_DO_ORGANISMO e SITUAÇÃO_DA_ECONOMIA. Das metáforas situadas, podemos recuperar a metáfora ECONOMIA É ORGANISMO e, se a economia está em crise, o organismo não está saudável, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 3: Projeção entre os domínios SITUAÇÃO DO PACIENTE e SITUAÇÃO ECONÔMICA e as respectivas metáforas situadas emergentes.

SITUAÇÃO DO ORGANISMO	SITUAÇÃO DA ECONOMIA	METÁFORAS SITUADAS
“vírus”	“elevadíssima taxa de juros” “baixo crescimento” “déficits governamentais”	elevadíssima taxa de juros é vírus ⁶ baixo crescimento e déficit governamental são doenças
“UTI” “enfermidade”	“estagnação econômica” “altas taxas de desemprego”	estagnação econômica e altas taxas de desemprego são doenças graves

6 Em conformidade com a notação utilizada por Vereza (2013), adotada neste artigo, metáforas situadas são grafadas em letras minúsculas e *itálico*.

“anemia”	“não há disposição para investimentos”	fraca disposição do empresariado brasileiro para investir é sintoma de alma.
----------	--	--

FONTE: os autores (2018).

O quadro 3 ilustra o modo pelo qual a metáfora conceptual ECONOMIA É ORGANISMO (DOENTE) é constituída. Esse processo decorre, como evidenciamos, da projeção entre dois domínios, ou seja, alguns componentes do domínio DOENÇA, linguisticamente indexados pelos itens “vírus”, “UTI”, “sopa reforçada” e “fisioterapia”, são utilizados para fazer referência ao domínio ECONOMIA.

Essa metáfora aciona, por evocação, o *frame* conceptual básico DOENÇA. Isso significa, em outras palavras, que ela realça apenas alguns componentes dentre os muitos que compõem o *frame* DOENÇA (destacados em negrito). Por exemplo, o componente vírus é linguisticamente indexado pelo item “vírus”, em (15); o componente *uti*, por sua vez, é indexado, metonimicamente, pelo item “UTI”, em (16); e, finalmente, o componente *anemia* é indexado por “anêmica”, como visto em (17).

No caso das três primeiras notícias apresentadas, verificamos que a metáfora conceptual ECONOMIA É ORGANISMO e o *frame* conceptual básico DOENÇA constrói uma visão de que a economia brasileira apresenta problemas. Contudo, a escolha de determinados itens lexicais, a emergência de novas projeções metafóricas e o acionamento de outros *frames*, podem tecer visões de mundo contrárias. É o que ocorre nas notícias (18) e (19):

(18) Depois da queda 10% nas quantidades vendidas de fogões [...] o mercado de eletrodomésticos da linha branca deve se estabilizar este ano [...]. Brega acredita que a economia deve bater no piso neste trimestre e que uma recuperação mais consistente só deve vir no ano que vem. No momento, ele se diz otimista, mas com os pés no chão. “A economia está assim: sarou? Não, mas parou de doer” (<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/economia-nao-sarou-mas-parou-de-doer,70001657055>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

(19) [...] organizadores da Expofeira do Agronegócio [...] acreditam que o evento deste ano será o melhor de todos os tempos. [...] a expectativa otimista tem razão de ser, porque esta edição está coincidindo com uma das melhores safras de grãos já colhida na região, o que inspira

otimismo e a economia respira melhor (<http://jsemanal.com.br/4949-economia-para-consumo>, acesso em: 09 jul. 2019) (grifos nossos).

Em (18), é possível perceber uma personificação do conceito ECONOMIA. Diferentemente do que foi observado em (15), (16) e (17), no entanto, verificamos que a economia, um organismo, embora ainda possa estar em crise, isto é, estar doente (“[...] sarou? Não [...]”), já apresenta sinais de melhora, o que pode ser constatado pela expressão destacada (“parou de doer”).

Outro indicador de que o organismo (a economia), parece se recuperar de uma doença pode ser verificado em (19), por meio da expressão “respira melhor”. Ou seja, se agora a economia tem capacidade de respirar melhor, pressupomos que, antes, ela apresentava dificuldades respiratórias.

Ao observarmos os itens linguísticos destacados nas notícias apresentadas em (18) e (19), percebemos que a economia é compreendida como um organismo que se recupera, o que ocorre devido à projeção entre os domínios RECUPERAÇÃO (especificamente alguns de seus componentes) e CRISE_ECONÔMICA. Dessa projeção, como mostra o quadro 4, verificamos a emergência da metáfora ECONOMIA_EM_CRISE É UM ORGANISMO_EM_RECUPERAÇÃO.

Quadro 4: Projeção entre os domínios SITUAÇÃO DO PACIENTE e SITUAÇÃO ECONÔMICA e as respectivas metáforas situadas emergentes.

SITUAÇÃO DO PACIENTE	SITUAÇÃO DA ECONOMIA	METÁFORAS SITUADAS
“(não) sarou”, mas “parou de doer”	“estabilização da venda de eletrodomésticos”	estabilizar vendas é parar de doer
“respira melhor”	“melhor safra de grãos”	ter melhor safra de grãos é respirar melhor

FONTE: os autores (2018).

O quadro 4 ilustra a emergência da metáfora ECONOMIA_EM_CRISE É UM ORGANISMO_EM_RECUPERAÇÃO, que ocorre graças à projeção entre os domínios RECUPERAÇÃO e ECONOMIA. Vale destacar que RECUPERAÇÃO é linguisticamente indexado pelo item lexical “recuperação” e pelas expressões “parou de doer” e “respira melhor”.

Percebemos, nas metáforas situadas ‘estabilizar vendas é parar de doer’ e ‘ter melhor safra de grãos é respirar melhor’, que a economia, ao apresentar sinais de melhora, caminha em direção à retomada de sua saúde, à prosperidade. Diante disso, é possível constatar que, se nas três primeiras passagens analisadas a tese defendida é a de que a economia brasileira está com sérios problemas, nesses dois últimos excertos, (18) e (19), a tese apresentada é a de que a economia mostra sinais de melhora.

Considerações finais

Buscamos evidenciar, neste trabalho, o papel da metáfora enquanto um mecanismo cognitivo intrínseco aos seres humanos e não como algo exclusivo do nível linguístico, como se pensou durante séculos. Mostramos, com a análise apresentada, que as metáforas desempenham papel crucial no processo de construção e de refinamento de sentidos, uma vez que, por meio delas, *frames* diversos podem ser acionados e, quando projetados, visões de mundo específicas são construídas.

Verificamos, também, que a escolha lexical é um recurso de enquadramento conceptual poderoso, pois nos parece ser capaz de produzir visões de mundo por restringir aspectos do *frame*-fonte aos limites impostos pelo *frame*-alvo.

REFERÊNCIAS

- CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DUQUE, Paulo H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Anpoll**, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.
- DUQUE, Paulo H. De perceptos a *frames*: Cognição Ecológica e Linguagem. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, jan./jul. 2017.
- DUQUE, Paulo H. Percepção, Linguagem e Construção de Sentidos: por uma abordagem ecológica da cognição. In: Adriana Maria Tenuta; Sueli Maria Coelho. (Org.). **Uma Abordagem Cognitiva da Linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2018, p. 31-46.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- FELDMAN, J. A. **From molecule to metaphor**: a neural theory of language. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- GRADY, Joseph. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. Versão 2.0a.
- KÖVECSES, Zoltan. **Metaphor in culture**: universality and variation. New York: Cambridge University Press, 2005.
- KÖVECSES, Zoltan. Universality vs. non-universality in metaphor. In: **English Language And Literature Studies**: structures across cultures (ellssac) proceedings. Belgrade, 2007.
- LAKOFF, George. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and Thought**. 2. ed. Cambridge University Press, 1992.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 1980. Metáforas da vida cotidiana. Tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das letras, 2002.
- REDDY, Michael J. The Conduit Metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (ed.) **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- STEELS, Luc. Language games for autonomous robots. **IEEE Intelligent systems**, 2001, p. 16-22.
- SCHRÖDER, Ulrike A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. **Alfa**. São Paulo, n. 52, vol. 1, p. 39-56, 2008.
- TALMY, Leonard Force dynamics in language and cognition, **Cognitive Science** 12(1), 1988, p. 49-100.
- VEREZA, Solange C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 3, 2007, p. 487-506.
- VEREZA, Solange C. O Lócus da Metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, 2010, p. 199-212.
- VEREZA, Solange C. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, 2013, p.109-124.
- VEREZA, S. Cry me a river: metaphoric hyperboles in the interface between discourse and cognition. **Gragoatá**, v. 40, 2016, p.175-196.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 [1953] (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).

Recebido em: 22/07/2019

Aceito em: 05/01/2020